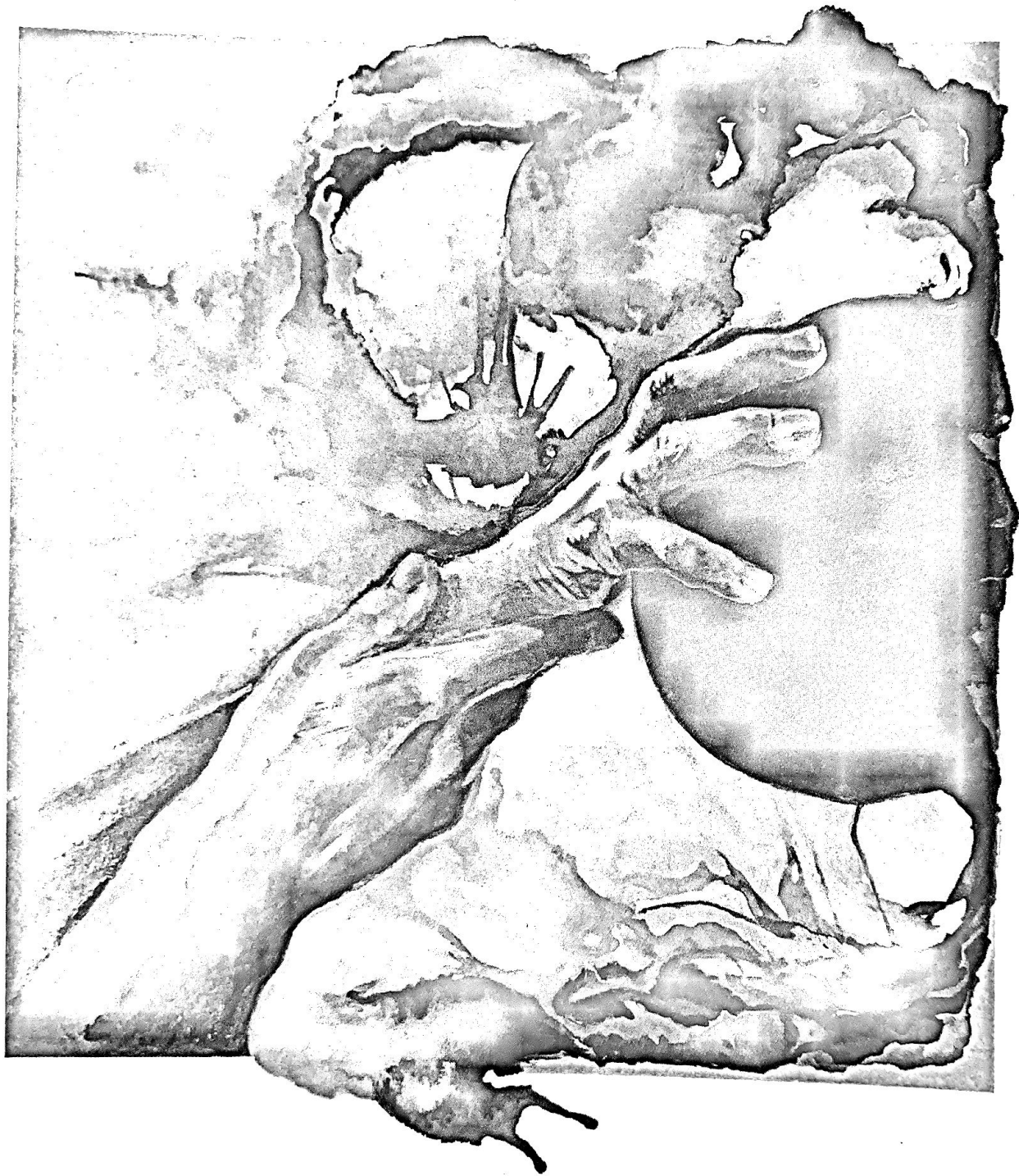


Psicomotricidade



reflexões, contextos e mediadores

Editores

Guida Veiga, Jorge Fernandes,
António Ricardo Mira, José Marmeleira

O CUIDADO NA PRÁTICA PSICOMOTORA

Aspectos do amadurecimento corporal humano

Gabriela Almeida & Tiago Estêvão

A questão ética na psicomotricidade

A psicomotricidade¹, como campo de conhecimento transdisciplinar e método de tratamento para as vicissitudes do corpo em estreita ligação à mente (psique), é recente em Portugal e carece de um estatuto próprio e identificativo. Uma maior protusão, definição e estabelecimento da conduta do psicomotricista poderá levar, porventura, a um maior reconhecimento, estatuto e identidade. Como tal, existe do nosso ponto de vista uma necessidade de reforçar estas dimensões anteriormente referidas e pretendemos apresentar uma proposta que conceptualiza uma *ética para a psicomotricidade*.

¹ Consideramos “psicomotricidade” como área disciplinar, por sua vez, diferente da práxis que lhe advém (como prática psicomotora).

vivenciado na formação corporal específica do psicomotricista. Da formação prática, também faz parte o vivenciar os limites da relação corpo a corpo. É neste ponto que se inscreve uma ética do corpo na psicomotricidade. A identidade psico-corporal do psicomotricista é gradualmente construída (Gatecel & Giromini, 2010), como ponto de apoio à prática psicomotora e à construção de uma identidade profissional. Com este trabalho de formação corporal, também se constrói o papel do psicomotricista, também se desenvolve um auto-questionar que permite reflectir sobre o seu papel e lugar como psicomotricista, numa relação, sobre a sua disponibilidade sintónica, sobre a sua capacidade de (cor)responder e adaptar tonicamente, sobre a sua implicação e disponibilidade corporal. Não se pode dar cuidado (psicomotor) se não houver uma identidade psicocorporal afirmada e se não se estiver corporalmente mobilizado.

O psicomotricista deve também envolver-se em actividades corporais (puramente motoras), como actividade física e exercício físico, para activação corporal e preparação física. Estas actividades servem para despertar o corpo, para ter aptidão física para poder atender pacientes de qualquer idade e qualquer patologia; para resistir várias horas por dia em pé, para estar sentado, deitado, respondendo às solicitações do paciente, mantendo o alerta corporal que a práxis implica.

Por isso o psicomotricista deve ter consciência de que o seu corpo é o instrumento privilegiado das práticas psicomotoras de mediação corporal. Um psicomotricista não pode oferecer cuidado psicomotor por uma abordagem corporal se estiver adoecido corporal e/ou psiquicamente.

O corpo é uma das condições pelas quais se estabelece o ambiente (que leva ao *handling*) e o acesso terapêutico. Se tal está perturbado, por determinada causa, há uma disrupção do ambiente e, como consequência, a tarefa *princeps* de personalização tem maior possibilidade em falhar, em suceder.

Se o adoecer psíquico ocorrer, o psicomotricista deve estar munido do seu autoquestionamento para repensar a sua prática, recorrendo à supervisão clínica e à psicoterapia. Não obstante, a questão do envelhecimento corporal e o adoecer merece em si uma maior investigação pela complexidade inerente.

Referências bibliográficas

- Abram, J. (1996) *The Language of Winnicott: A Dictionary of Winnicott's Use of Words* [A linguagem de Winnicott: Um dicionário de palavras usadas por Winnicott]. Karnac.
- Ajuriaguerra, J. (1969). L'enfant et son corps [A criança e o seu corpo]. In F. Joly & G. Labes (Ed.) *Julian de Ajuriaguerra et la naissance de la psychomotricité* (Vol. 1, pp. 197-215). Du Papyrus.
- Aucouturier, B. (2005). *La méthode Aucouturier: Fantômes d'action et pratique psychomotrice* [O método Aucouturier: Fantasmas de ação e prática psicomotora]. De Boeck.
- Belo, M. (2016). Alimentação e ética do cuidado: Uma visão winnicottiana. In M. Zart (Org.) (2016). *A estética alimentar no desenvolvimento humano* (pp. 51-68). Triângulo.
- Belo, M. (2017). Da psicanálise clássica à prática contemporânea: Sobre o uso do “brincar” e do “manejo” na clínica winnicottiana. In M. Belo (2020). *Estudos winnicottianos* (pp. 103-118). Coisas de Ler.
- Belo, M. (2019). O problema da agressividade do analista no “manejo” da contratransferência e na evolução do processo terapêutico. In M. Belo (2020). *Estudos winnicottianos* (pp. 241-262). Coisas de Ler.
- Belo, M. & Estêvão, T.F. (2020). Prelúdio a quatro mãos. In M. Belo (2020). *Estudos winnicottianos* (pp. 23-46). Coisas de Ler.
- Demarchi, J. (2011). Sobrevivir a la Clínica. El Proceso de Supervisión. *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales*, 36, 64-75.
- Dias, C. A. (1999). *O Negativo ou o Retorno a Freud*. Fim de Século.
- Dias, E. (2012). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott* (2ª ed.). DWW.
- Estêvão, T. F. (2021). *Tonitruâncias psicanalíticas*. Coisas de Ler.
- Fairbairn, R. (1941). A revised psychopathology of the psychoses and psychoneuroses [Uma revisão psicopatológica das psicoses e psiconeuroses]. In R., Fairbairn (1952/2009). *Psychoanalytic studies of the personality* (pp. 28-58). Routledge.